TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: UMA ALTERNATIVA PARA O MUNICÍPIO DE ANTONINA – PR

Fernando dos Santos Alves

Mayra Taiza Sulbach

RESUMO: Este artigo tem como intuito apresentar o Turismo de Base Comunitária, indicando-o como alternativa de desenvolvimento local ao município de Antonina - PR, que possui características que possibilitam a integralização deste modelo de turismo em sua realidade. Como objetivo geral, identificar as características do segmento nas comunidades do Município para que se possa promover o desenvolvimento da identidade local, e assim gerar renda e melhorar a qualidade de vida. A metodologia para elaboração da presente pesquisa, utilizou-se de análise e interpretação bibliográfica de livros, artigos e sites relacionados ao turismo, principalmente no referencial teórico; no empírico, além destes, foram feitas pesquisas secundárias, também em sites e materiais de divulgação, e visitas técnicas para reconhecer o local. Como resultado evidencia-se que este segmento pode ser uma alternativa, visto seu aporte social e valorização cultural.

Palavras-chave: Alternativa; Base Comunitária; Cooperação; Desenvolvimento.

ABSTRACT: This article has the intention to present the Community Based Tourism, indicating it as an alternative for local development to the municipality of Antonina - PR, which has features that allow the payment of this tourism model in your reality. As a general goal, identify the segment's characteristics in the City of communities so that we can promote the development of local identity, and thus generate income and improve the quality of life. The methodology for the preparation of this research, we used analysis and interpretation of literature books, articles and websites related to tourism, especially in the theoretical framework; the empirical besides, they were made secondary research, also on websites and promotional materials, and technical visits to recognize the location. As a result it is evident that this segment may be an alternative, since their social contribution and cultural appreciation.

Keywords: Alternative; Community-Based; Cooperation; Development.

INTRODUÇÃO

O turismólogo Ariel Albrecht, em entrevista ao site Coxim Agora (2011, p.1), define Turismo de Base Comunitária como: “iniciativas e atividades protagonizadas pelas comunidades locais que, se ordenadas e bem estruturadas, representam importantes experiências turísticas, agregando valor aos roteiros e gerando emprego e renda”. O diferencial que este modelo trás é a dimensão humana e cultural, que tem o objetivo da troca de experiências entre os turistas e a comunidade receptora, fazendo com que ambos se envolvam e isso proporcione o conhecimento de aspectos socioculturais do espaço visitado. Outro ponto, segundo o site Instituto

EcoBrasil (s. d.), é que o turismo de base comunitária "(...) deve contribuir para uma melhor conservação e desenvolvimento da localidade, trazendo benefícios econômicos, sociais e culturais para todos os membros da comunidade".

O turismo nesta perspectiva vem ajudando as comunidades locais (comunidades receptoras), de forma geral, a ter mais conhecimento sobre seus potenciais e bens patrimoniais, sociais, culturais e naturais, que podem ser utilizados de forma inovadora na gestão de seus territórios, explorando essas concepções de maneira consciente.

Esta concepção de turismo adota o termo "comunidade", o qual envolve princípios, valores e nomes que regram e organizam um determinado grupo de pessoas, e tem o propósito de assegurar o bem-estar comum e preservar a identidade local.

Segundo Maldonado (2009), o patrimônio de uma comunidade é formado por diferentes valores, crenças, conhecimentos, táticas, instrumentos, artefatos, lugares, representações, terras e territórios, assim como todos os tipos de manifestações tangíveis e intangíveis de um povo que, através deste conjunto, expressam seus modos de vida e sua cultura. Neste sentido, o turismo de base comunitária diferencia-se entre comunidades, promovendo uma riqueza de conhecimento e experiências para quem os usufrui.

Algumas comunidades, em especial, as pequenas, ainda preservam manifestações intangíveis de seu povo, bem como os seus patrimônios arquitetônicos locais. Estes lugares geralmente não tem uma economia representativa para municípios ao qual pertencem, já que o desenvolvimento econômico, na maioria das vezes, acaba promovendo um sucateamento das características culturais. Neste sentido, acredita-se que, pelas características sociais, culturais e naturais que o município possui, Antonina possa promover uma valorização econômica local, através do Turismo de Base Comunitária.

HISTÓRICO DE ANTONINA

De acordo com o Inventário de Oferta Turística de Antonina, o Município povoou-se sob a luz da colonização portuguesa, entre 1648 e 1654, quando Gabriel

de Lara, que era Capitão Povoador e Sesmeiro de Nova Vila (Paranaguá), deu a Antonio Leão, Pedro Uzeda e Manoel Duarte três sesmarias no litoral antoninense, sendo estes os primeiros povoadores. Em 1712, o Sargento Mor Manoel Valle Porto se estabeleceu em uma ilha situada ao fundo da baía, a qual hoje tem nome de Ilha do Corisco (MARCOS CRUZ ALVES, s.d.).

No começo do século XVIII, nos arredores do então Sítio da Graciosa, algumas mulheres devotas cultuavam a Nossa Senhora do Pilar, celebrando todos os anos em 15 de Agosto festividades em homenagem à Santa. Dois anos depois, em 1714, o Frei Francisco de São Jerônimo, bispo do Rio de Janeiro, autorizou a construção de uma capela em homenagem à Virgem do Pilar, fazendo com que a região ficasse conhecida como Capela, assim, 12 de novembro de 1714, ficou considerada a data de fundação de Antonina (MARCOS CRUZ ALVES, s.d.).

Em 1761 a comunidade tornou-se Freguesia. Quando se desmembrou de Paranaguá, no ano de 1797, passou à categoria de Vila. Posteriormente, em 1857, foi elevada a Comarca (MARCOS CRUZ ALVES, s.d.).

No início do século, fase do ciclo da erva-mate, o porto de Antonina passou a ser o 4º mais importante do país em volume de movimentação de cargas. Foi nessa época que a cidade cresceu rapidamente, ganhando prédios, como o do teatro, e lugar de destaque no cenário político do estado do Paraná. A queda da produção do mate e a Segunda Guerra Mundial acabaram por deslocar o centro portuário para Paranaguá e a cidade começou então a declinar aos poucos (MARCOS CRUZ ALVES, s.d.).

Atualmente, observa-se que o segmento do turismo que tem destaque, no município de Antonina, é o histórico; os atrativos podem ser visitados pelos turistas com o auxílio de guias, que vão apresentando os aspectos mais importantes, complementado assim o conhecimento do visitante. Os principais atrativos são: a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, o Teatro Municipal, a Estação Ferroviária, a Praça Coronel Macedo e a Fonte da Carioca.

Segundo o Estudo de Demanda Turística, da Secretaria de Turismo do Governo do Paraná (2008), a maior demanda no Município é de pessoas provenientes de Curitiba, que somam 75,4% do total de visitantes. As visitações ocorrem em carros de passeio e ônibus, que obteve aumento significativo, a partir de

2004, e vem se tornou o principal meio de transporte mais utilizado para quem vai até o Município.

Por outro lado, junto ao turismo histórico, outros segmentos importantes podem ser agregados como, por exemplo, o cultural, onde o patrimônio comunitário é apresentado, expressando seus modos de vida e organização social, fazendo com que a comunidade/localidade receptora fique cada vez mais consciente dos seus bens patrimoniais e da importância desses valores identitários.

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

Já faz alguns anos que o setor de turismo e viagens vem despontando como um dos principais setores da economia mundial, sendo visto como uma alternativa para a geração de emprego e renda. Segundo Grimm e Sampaio (2011, p. 58): “Nas últimas décadas o setor turístico experimentou uma vertiginosa expansão global, chegando a ser considerada de grande expressão na economia mundial”.

O crescimento do setor do turismo ocorre em seus vários segmentos e produtos. Entre os que mais se difundiram está o Turismo de Massa, de acordo com Beni (1997, p. 425), este segmento do turismo:

> (...) é o mais importante devido à expressiva quantidade de turistas envolvida tanto nos fluxos internacionais como no interno, porque reúne os estratos que formam a classe média, incluindo-se aí os profissionais liberais, funcionários categorizados, empresariais e públicos, que desfrutam da relativa disponibilidade de meios econômicos-financeiros, contando com subvenções ou poupanças próprias.

Segundo Ruschmann (1997, p. 23):

> (...) o turismo de massa – que se caracteriza pelo deslocamento de grande número de pessoas para os mesmos lugares nas mesmas épocas do ano – e o consequente superdimensionamento dos equipamentos receptivos para atendê-los não tem trazido a rentabilidade esperada, devido, principalmente, à sazonalidade desses fluxos. Além disso, o fluxo de grande número de pessoas tem contribuído para agressões socioculturais nas comunidades receptoras e para origem de danos, às vezes irreversíveis, nos recursos naturais.

Em contrapartida ao turismo de massa, outros segmentos do turismo vêm ganhando espaço, atendendo à sustentabilidade e um novo perfil de turista, como por exemplo: Turismo Rural, Turismo Ecológico, Turismo Étnico e Turismo de Base Comunitária.

Este trabalho privilegia o estudo do Turismo de Base Comunitária, que segundo Grimm e Sampaio (2011, p. 58):

> (...) não é apenas uma atividade produtiva, procura ressaltar o papel fundamental da ética e da cooperação nas relações sociais. Valoriza os recursos específicos de um território e procura estabelecer comunicação/informação com agentes externos, entre eles os visitantes. Considera, por tanto, a existência de uma relação dialética entre turistas e a comunidade receptora.

O Turismo de Base Comunitária se desenvolve de maneira sistêmica e sustentável, a partir da comunidade, chamada por Zaoual de sítio, promovendo a interação entre os moradores e os visitantes, uma troca de saberes e de conhecimentos, contribuindo para a geração de renda voltada à comunidade receptora e/ou sítio receptor e de experiências para a comunidade externa. Zaoual (2008, p. 7) define sítio como:

> (...) um espaço de crenças partilhadas que define o real, em um dado momento, bem como as concepções e as práticas de seus atores. O conceito de sítio articula assim suas crenças, seus conhecimentos e seus comportamentos.

Além da mudança de ambientes e rompimento com o cotidiano, Grimm e Sampaio (2011, p. 60) acrescentam que o turista busca:

> (...) conhecer a cultura, os hábitos da população, a natureza e a história dos locais visitados, e ainda que: Estas vivências consistem em viver intensamente a experiência. O turista deve deixar de lado o papel de expectador passivo, se engaja na cena e se torna o protagonista, isto é, passa a contracenar, a ver, sentir algo no cenário.

Assim como outros aspectos do turismo, o de Base Comunitária traz consigo algumas características do Turismo de Experiência, onde o visitante participa da vida da comunidade, aprendendo seus modos de vida, seus conhecimentos, suas histórias, fazendo parte, mesmo que por pouco tempo, do grupo comunitário, não

apenas utilizando os serviços oferecidos, mas indo além do turismo como meio econômico.

Grimm e Sampaio (2011, p. 58) ainda acrescentam que: “Sendo de base comunitária, o turismo fomenta a relação social entre modos de vida distintos, resgatando e reconstruindo o interesse pelo outro, pelo diferente, pela alteridade, pelo autêntico”.

De acordo com Froese (2009), o Turismo de Base Comunitária, surgiu com o intuito de desenvolver as comunidades tradicionais e inseri-las no mercado turístico, contribuindo para experiências mais reais do que as vivenciadas no turismo convencional, e ainda relacionando as preocupações sociais.

Nos dias atuais, os turistas veem buscando esse segmento por ser mais autêntico, deixando de lado estereótipos que podem ser visto nas épocas sazonais e/ou no turismo de massa, que seguindo os pensamentos de Buraztyn, Bartholo e Dalamaro (2009, p. 85): “(...) reproduz em diversos destinos o estresse de que os turistas buscam escapar durante as férias”, ou seja, os viajantes estão passando a preferir as originalidades e, como conseqüência, acabam ajudando as comunidades.

Segundo Buraztyn, Bartholo e Dalamaro (2009, p. 86), o Turismo Comunitário:

> (...) busca se contrapor ao turismo massificado, requer menor densidade de infraestrutura e serviços e buscando valorizar uma vinculação situada nos ambientes naturais e na cultura de cada lugar. Não se trata, apenas de percorrer rotas exóticas, diferenciadas daquelas do turismo de massa. Trata- se de um outro modo de visita e hospitalidade (...), este leva em consideração a cultura e a tradição local, fazendo com que se revigorem e, até mesmo, resgate algumas perdidas.

Conforme Froese (2009, p. 38), essa segmentação, juntamente com o ecoturismo, “(...) representam uma forma mais justa de turismo em que os aspectos culturais e naturais são apreciados como os principais atrativos da atividade”, o visitante interage a vivência, as experiências da comunidade, sua cultura, sua religião, suas tradições e seus modos de vida. Esse é o diferencial do local em comparação à outros onde também se oferece turismo, o conhecimento e a maneira como ele é oferecido/adquirido. Zauol (2008, p. 5) diz que “(...) uma identidade regional é ao mesmo tempo única e múltipla estando aberta ao resto do mundo”.

O Turismo de Base Comunitária, de acordo com Froese (2009), oferece mais que o simples consumismo presente em outros segmentos do turismo, ele motiva a pessoa a ter sua própria visão do lugar e do espaço, além disso, semeia a troca de informações, que podem ser úteis tanto para o receptor quanto ao recebido, criando laços de amizade e trazendo o turista para dentro da comunidade, ajudando a disseminar os ideais da base comunitária e despertando a curiosidade de outras pessoas.

As comunidades, com o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, acabam valorizando seus patrimônios, que segundo Maldonado (2009, p. 29):

> (...) é formado por um conjunto de valores e crenças, conhecimentos e práticas, técnicas e habilidades, instrumentos e artefatos, lugares e representações, terras e territórios, assim como todos os tipos de manifestações tangíveis e intangíveis existentes em um povo, além destes, os saberes e fazeres e seus modos de vida. Com o turismo de base comunitária, as comunidades se tornam conscientes do potencial que seus bens patrimoniais possuem.

Nesse modelo de turismo, a comunidade é a protagonista das atividades e do conhecimento que é passado através de sua cultura, para tal, os visitantes que o praticam também têm consciência e abertura à possibilidade de conhecimento de novas culturas. Por isso, cita Froese (2009, p. 51) que "(...) é comum que o público alvo do turismo comunitário sejam estudantes, professores, pesquisadores e simpatizantes. Esse tipo de turismo acaba por atrair naturalmente esse perfil de turista por conta de suas características quase antropológicas".

A base comunitária tem suas raízes no turismo sustentável e, de acordo com Buraztyn, Bartholo e Dalamaro (2009, p. 86), seu foco "(...) é o bem estar e a geração de benefícios para a comunidade receptora". Froese (2009) diz que um dos aspectos mais conquistados e desejados do turismo comunitário é a qualidade de vida, que não pode ser modificada de maneira profunda, ou seja, o cotidiano das pessoas que participam daquela comunidade não pode ser alterado para recepção dos turistas.

Entre as características desse tipo de turismo, Froese (2009), destaca:

- É praticado no território de comunidades tradicionais com significativo patrimônio, tanto cultural quanto natural;
- Possibilita a prática de atividades educativas por meio do exemplo e dos valores comunitários;
- As comunidades são as maiores responsáveis pela organização, planejamento e construção e fomento do turismo de base comunitária;
- Quase sempre recebe ajuda de ONGs, universidades e outras instituições em seu planejamento e;
- Preserva e valoriza os patrimônios naturais e culturais no local onde é praticado.

RISCOS E DIFICULDADES DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

O Turismo de Base Comunitária, não visa competir com as atividades já saturadas, ele serve como um complemento do processo econômico, gerando ocupação e meio de vida para seus membros, os benefícios devem ser de toda a comunidade, e utilizados para o bem comum, fazendo com que o aproveitamento seja justo, e não somente para determinados grupos que querem tirar proveito das potencialidades.

Apesar dos benefícios que este tipo de turismo pode proporcionar para uma comunidade, ele apresenta riscos e deficiências. A atividade turística, segundo Maldonado (2009), pode gerar efeitos negativos quando o debate de alternativas com os membros da comunidade, o planejamento e a aplicação não são feitos de forma eficiente, a atividade pode vir a se tornar algo invasor e exigente.

Entre os riscos, de acordo com Teixeira, Michelin e Dall'Agnol (2008, p. 2), a aculturação é um dos que vem preocupando a comunidade acadêmica, porque "muitos destinos e comunidades, antes isolados e sem muita interferência externa, passaram a conviver com influências de outras culturas". Além dessa mescla de culturas, que pode acontecer em decorrência do turismo, o avanço tecnológico, através da informação e transportes também são apontados, pelos autores, como causas desses malefícios. Essas mudanças podem ser caracterizadas como globalização.

A globalização no turismo cria um importante estímulo para as comunidades, dada as facilidades tecnológicas, mas traz consigo pressões que são difíceis de serem superadas por pequenos negócios que funcionam de forma isolada, como cooperativas, as quais caracterizam essa modalidade de turismo. Geralmente as comunidades não são atendidas por instituições governamentais e são discriminadas na tomada de recursos para a produção, nos mercados e serviços empresariais, acarretando uma série de restrições. Além disso, a falta de formação profissional, de serviços básicos de saúde e de infraestrutura rodoviária levam a um quadro de instabilidade e fraca competitividade dos negócios comunitários (MALDONADO, 2009).

As deficiências constatadas em serviços turísticos oferecidos por comunidades despreparadas resultam de situações de improviso, ausência de profissionalismo, desconhecimento do mercado e dos instrumentos de gestão de negócios (MALDONADO, 2009). As maiores dificuldades circulam em torno da carência das estruturas e dos mecanismos de cooperação interna e externa, escassa diversificação de produtos, gestão profissional limitada, qualidade desigual dos serviços, posicionamento incerto e pouca divulgação do turismo comunitário, deficiência nos mecanismos de informação, comunicação e organização comercial, e problemas com os serviços públicos (MALDONADO, 2009)

O envolvimento com pessoas de fora do circulo de vivencias e a abertura da comunidade podem vir a afetar os atrativos turísticos que são oferecidos dentro da Base Comunitária, sejam tradições culturais ou belezas naturais da localidade. A oferta do produto turístico não pode passar uma imagem errônea da realidade e acabar denegrindo a imagem da comunidade. É necessário um planejamento eficiente e que supra as necessidades dos membros da comunidade e que o turismo seja apresentado de maneira que cumpra e atenda as expectativas do visitante, é um segmento que agrega princípios.

O estimulo ao Turismo de Base Comunitária é, por sua vez, um movimento que busca promover o reconhecimento de que na sociedade contemporânea há heterogeneidade (lugar/comunidade), e esta pode ser desfrutada no momento de lazer (turismo de base comunitária), permitindo às pessoas a oportunidade de conhecer algo que não tem um valor econômico, como a cultura e/ou a natureza.

Este referencial teórico torna evidente alguns lugares ou comunidades que fazem parte do contexto de aprendizagem do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como é o caso do município de Antonina, litoral do Paraná.

O MUNICÍPIO DE ANTONINA, SUAS RIQUEZAS NATURAIS, ARQUITETÔNICAS E CULTURAIS

Apesar de começar a receber moradores, e formar suas comunidades, entre 1648 e 1654, o município de Antonina ainda apresenta resquícios e características de povoado, em especial pelo seu próprio desenvolvimento econômico, que não fez valer os setores industriais e de serviços que se desenvolveram, atraindo migrantes na perspectiva de acumular riqueza. Sua população, em 2010, era de 18.891 habitantes (IBGE, 2012) e mantém o cultivo atividades produtivas de subsistência como a pesca artesanal e a agricultura familiar. Igualmente a população que lá reside respeita o patrimônio histórico arquitetônico, não destruindo suas edificações para construções de prédios comerciais, de serviços ou residenciais, como ocorre nos centros urbanos das grandes cidades. Aqueles que lá vivem ainda são capazes de ofertar uma gastronomia recheada de historias e lendas, ao mesmo tempo em que conseguem promover festas religiosas e coloridas das quais sua população desfruta.

Antonina, esta localizada na região litorânea do estado do Paraná, sua população se divide em urbana, com 16.063 habitantes, e rural, com 2.828 habitantes, em uma área de 882.318km². O município possui vocação para atrair turistas, seja por seu centro histórico, religiosidade, festividades ou atrativos e produtos turísticos.

O tombamento do conjunto histórico e paisagístico do município foi aprovado no dia 26 de janeiro de 2012, data em que o município passa a fazer parte do patrimônio cultural do país. Antonina já possuía tombamentos isolados pelo governo estadual, como é o caso do Arquivo Municipal, da Igreja Nossa Senhora do Pilar, da Igreja Bom Jesus do Saivá e da Fonte da Carioca (ASCOM - IPHAN/PR, 2012).

Segundo a Gazeta do Povo (2011), alguns dos prédios históricos do Município, são abertos à visitação e guardam parte da história da cidade, entre eles:

Estação Ferroviária, a Farmácia Internacional, Igreja de São Benedito e o Teatro Municipal.

Além do centro histórico, fazem parte do conjunto histórico e paisagístico o complexo das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo – IRFM. Entre os motivos que fizeram com que a cidade passasse a fazer parte do patrimônio histórico nacional estão a história do ciclo do ouro e a ocupação territorial do sul do país, a importância do cenário da cidade, que conta com a Serra do Mar, a Mata Atlântica e a Baía (LOPES, 2012).

De acordo com o Inventário de Oferta Turística de Antonina, de Marcos Cruz Alves (s.d.), durante o ciclo da erva-mate, entre a metade do século XIX e 1929, o porto de Antonina foi o 4º porto mais importante do país em volume de movimentação de cargas, época em que a cidade cresceu, ganhou prédios e seus casarios de arquitetura luso-brasileira. São destaques do turismo histórico cultural do Município: o Teatro Municipal e a Prefeitura Municipal.

Marcos Cruz Alves (s.d., p. 1), destaca que desde o século XVIII mulheres devotas cultuavam a Nossa Senhora do Pilar, celebrando-a e homenageando-a todos os anos, em 15 de agosto. Posteriormente, Frei Francisco de São Jerônimo, bispo do Rio de Janeiro, autorizou a construção da capela em homenagem à Virgem do Pilar, atualmente Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar. A festa em comemoração a Santa continua acontecendo todos os anos no mês de agosto, entre os dias 06 à 15, e além da comunidade, a participação de romeiros é intensa. Entre as atrações oferecidas estão as missas, as procissões, os shows, as premiações e a encenação da assunção da Santa.

Além desta, o Carnaval de Antonina é um dos mais conhecidos no Paraná, acontecendo, entre fevereiro e março, geralmente de sexta-feira à terça-feira, e conta com os blocos do Boi Barroso ou Boi do Norte (fundado em 1920), Apinagés (fundado em 1923), Dragão, Pitoresco e dos Bonecos.

Em abril, a encenação de “Paixão de Cristo Segundo Antonina” marca o calendário de atrativos do município a sete anos. Em edições passadas, contou com artistas paranaenses, da Rede Globo de Televisão e do Centro Cultural Teatro Guaíra, entre eles: Letícia Sabatella, Leonardo Miggiorin e Guta Stresser, além de membros da comunidade, cerca de 300 pessoas, em 2012.

Entre junho e julho ocorre o Encontro de Carros Antigos e Especiais, um dos maiores do Sul do País. Este é organizado pela Secretaria de Turismo e Cultura, e em 2012 contou com 382 carros.

Ainda em julho, todos os anos, desde 1991, ocorre o Festival de Inverno da Universidade Federal do Paraná, o maior festival de cultura organizado pela UFPR, estando na sua 21ª edição. Neste evento são oferecidas oficinas, espetáculos teatrais, apresentações de ruas, debates sobre cultura e arte, exposições e apresentações culturais. O público, em sua maioria, são, além da comunidade local, visitantes oriundos da própria universidade, de Curitiba e dos outros municípios do litoral do Paraná.

Em outubro, a cidade sedia o festival gastronômico, oferecendo seu prato típico, que é servido em todos os restaurantes da cidade, denominado: Festa do Barreado. O prato traz consigo a polêmica de qual município do litoral do Paraná este se origina, já que Morretes e Paranaguá também disputam o posto. Antonina tem como história que o barreado era feito apenas uma vez por ano, no domingo que antecedia o Carnaval, que recebia o nome de domingo magro, e requentavam na terça antes de entrarem na abstinência da quaresma. Entre os ingredientes estão: carne, cebola, toucinho, alho, louro, cominho em pó, sal manjerona, capim-limão, coentro, farinha de trigo e pimenta. O prato é servido acompanhado de farinha de mandioca, banana e arroz (BEZERRA, 2010).

De acordo com o colunista do site Paraná Online (2009), Luiz Antônio, entre os produtos oferecidos em Antonina, estão os do setor do artesanato, feito de diversos materiais, desde a fabricação de pilões de madeira de lei, cestaria em cipó e taquara, até miniaturas de canoas, violas e outros utensílios tem se destacado. O artesão Alexandre Ztrahal, por exemplo, utiliza madeira de destruição e bambu para confeccionar abajures, baús e máscaras, já Samantha Wanke, usa como matéria-base sementes típicas do litoral, como: brejaúbas e indaiás, e também troncos e gravetos; outro artesanato que vem ganhando espaço são os feitos de couro de peixe.

Quanto aos recursos naturais, pode-se citar o Rio do Nunes, que são pequenas praias fluviais e nas margens encontram-se recantos com equipamentos de lazer e churrasqueiras, além de locais para acampamento, vestiários e sanitários.

O maior movimento de turistas nesta comunidade ocorre durante a temporada de verão e nos finais de semana; e a Baía de Antonina, que é uma extensão da Baía de Paranaguá, possuindo grande potencial turístico, nela pode ser oferecido o turismo de contemplação e o turismo de pesca.

Em conversa informal, o Secretário de Turismo e Cultura do Município, Cezar Broska, em 2012, relatou que em Antonina não existe o Turismo de Base Comunitária, porém haviam propostas para o ano de 2013, de esse modelo passar a ser discutido com algumas associações dos moradores a fim de fomentá-lo. Sobre a oferta de lazer para a população, comentou que as opções são as paisagens naturais e, nos finais de semana, aumento do fluxo, no setor histórico.

AS POSSIBILIDADES DO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NO MUNICÍPIO DE ANTONINA

O município de Antonina traz consigo um grande potencial para a inserção do Turismo de Base Comunitária, visto que a cidade mantém viva suas tradições e originalidades durante tanto tempo.

Entre as principais características levantadas como atributos do turismo de base comunitária, pode-se destacar na comunidade de Antonina: o centro histórico do município (com suas construções preservadas), a gastronomia, as festas religiosas, o carnaval, o festival de cultura e a exposição de carros, bem como a riqueza natural da mata atlântica, rios e baía, além é claro de sua população.

Havia, segundo Secretário de Turismo e Cultura do Município, o interesse em aplicar o Turismo de Base Comunitária através das associações de moradores, de modo a incentivar a cultura e o uso dos potenciais arquitetônicos e naturais, porém deve-se ficar atento para que as propostas possam ser feitas pelas comunidades e não apenas do poder público, como um modo de inserção sem a aceitação dos membros da localidade.

Pelo observado no Município, e pela revisão bibliográfica, há potencial para desenvolver o Turismo de Base Comunitária, mas é preciso um melhor planejamento que consiga atender às expectativas da comunidade local, no que se refere à qualidade de vida, e do visitante, na infra-estrutura receptiva e turística.

CONCLUSÃO

Apesar da presença de outros segmentos do turismo em Antonina, sendo eles o histórico, o cultural, e o religioso, não há indícios de uma rede de cooperação ligada diretamente ao turismo. Mesmo com essa variedade de atrativos o Município segue atraindo um público apenas durante as festividades.

O Turismo de Base Comunitária pode ser apresentado como uma alternativa para o município. Além da geração de renda, outros benefícios podem ser conquistados pela população, entre eles a profissionalização de serviços e a melhoria na qualidade de vida, dado que o segmento do Turismo de Base Comunitária pode também ajudar no resgate cultural.

As ofertas de serviços turísticos tradicionais não foram foco do trabalho, visto que os princípios este trabalho buscou encontrar alternativas, envolvendo a comunidade local, promovendo um verdadeiro desenvolvimento, nos quesitos ambiental, econômico e social.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. C. **Inventário da Oferta Turística de Antonina.** (Material Impresso, s. d.).

ASCOM – IPHAN/PR. **Conselho Consultivo Confirma Tombamento do Centro Histórico de Antonina, no Paraná.** IPHAN, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=16419&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>. Acesso em: 19 out. 2012.

BELO, C. G. **Complexo Matarazzo é Área de Conservação.** Gazeta do Povo, 2011. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/litoral/conteudo.phtml?id=1162225>. Acesso em: 19 out. 2012.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo.** São Paulo, 1997. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=laZU_kfJdXYC&pg=PA425&lpg=PA425&dq=

%C3%A9+o+mais+importante+devido+%C3%A0+expressiva+quantidade+de+turistas+envolvida+tanto+nos+fluxos+internacionais&source=bl&ots=hWGZPOZt2Y&sig=-gEV7HPiI3s1GO1SRYvjYk4MKSI&hl=pt-BR&sa=X&ei=Lg53UIO9COWG0QGM7oC4AQ&ved=0CCoQ6AEwAg#v=onepage&q=%C3%A9%20o%20mais%20importante%20devido%20%C3%A0%20expressiva%20quantidade%20de%20turistas%20envolvida%20tanto%20nos%20fluxos%20internacionais&f=false>. Acesso em: 19 out. 2012.

BEZERRA, J. A. **Barreado Polêmico.** Globo Rural, 2010. Disponível em: <http://revistagloborural.globo.com/GloboRural/0,6993,EEC280929-1488,00.html>.

BURSZTYN, I.; BARTHOLO, R.; DELAMARO, M. **Turismo para quem?** Rio de Janeiro, 2009.

COXIM AGORA. **Rota das Monções Promove Turismo de Base Comunitária e Consumo.** 2011. Disponível em: <http://www.coximagora.com.br/principal/geral-principal/rota-das-moncoes-promove-turismo-de-base-comunitaria-e-consumo>. Acesso em: 19 out. 2012.

FROESE, V. F, **Ecoturismo de Base Comunitária: Possibilidade para o Desenvolvimento Turístico de Oriximiná-PA.** Niterói, 2009. Disponível em: <http://www.proac.uff.br/turismo/sites/default/files/VanessaFigueiraFroese-tcc.PDF>. Acesso em: 19 out. 2012.

GRIMM, I. J.; SAMPAIO, C. A. C. **Turismo de Base Comunitária:** Convivencialidade e Conservação Ambiental. Revista Brasileira de Ciências Ambientais, n. 19, março 2011. Disponível em: <http://www.rbciamb.com.br/images/online/Materia_geral_7_artigos273.pdf>. Acesso em: 19 out. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). **Cidades.** 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 19 out. 2012.

INSTITUTO ECOBRASIL. **Turismo Comunitário TBC.** Disponível em: <http://www.ecobrasil.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=352&sid=64>. Acesso em: 19 out. 2012.

LOPES, E. **Centro Histórico de Antonina vira Patrimônio Nacional.** Gazeta do Povo, 2012. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/verao/conteudo.phtml?id=1217127 >. Acesso em: 19 out. 2012.

MALDONADO, C. **O Turismo Rural Comunitário na América Latina.** Rio de Janeiro, 2009.

PARANÁ ONLIN. **Antonina é um Celeiro de Grandes Artesãos.** 2009. Disponível em: <http://pron.com.br/colunistas/195/64244/?postagem=ANTONINA+E+UM+CELEIRO+ DE+GRANDES+ARTESAOS>. Acesso em: 19 out. 2012.

RUSCHMANN, D. **Turismo e Planejamento Sustentável:** A Proteção do Meio Ambiente. Papirus Editora, 1997. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=kvK5ujzbZdIC&pg=PA23&lpg=PA23&dq=o+turismo+de+massa+%E2%80%93+que+se+caracteriza+pelo+deslocamento+de+grande+n%C3%BAmero+de+pessoas+para+os+mesmos+lugares+nas+mesmas+%C3%A9pocas+do+ano&source=bl&ots=58Y-qwX9Fh&sig=7MwLsa06XrRl5BCXIo5skxcyuT0&hl=pt-BR&sa=X&ei=ERaBULX3NIns8wTAxIBw&ved=0CD0Q6AEwBA#v=onepage&q=o%20turismo%20de%20massa%20%E2%80%93%20que%20se%20caracteriza%20pelo%20deslocamento%20de%20grande%20n%C3%BAmero%20de%20pessoas%20para%20os%20mesmos%20lugares%20nas%20mesmas%20%C3%A9pocas%20do%20ano&f=false>.

SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO (SETU-PR). **Estudo de Demanda Turística Litoral – PR.** 2008. Disponível em: <http://www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/estatisticas_2012/Litoral_2000_2006.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2012.

TEIXEIRA, P. R.; MICHELIN, R. L.; DALL'AGNOL, S. **Turismo e Globalização: Análise da Relação com a Identidade Cultural.** Belo Horizonte, 2008. Disponível

em: <http://hipnos.ucs.br/turismo/admin/UPLarquivos/030920081826062.pdf>. Acesso em: 19/ out. 2012.

ZAOUAL, H. **Do Turismo de Massa ao Turismo Situado: Quais as Transições?** Caderno Virtual de Turismo, Vol. 8, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/47929_5755.PDF>. Acesso em: 19 out. 2012.